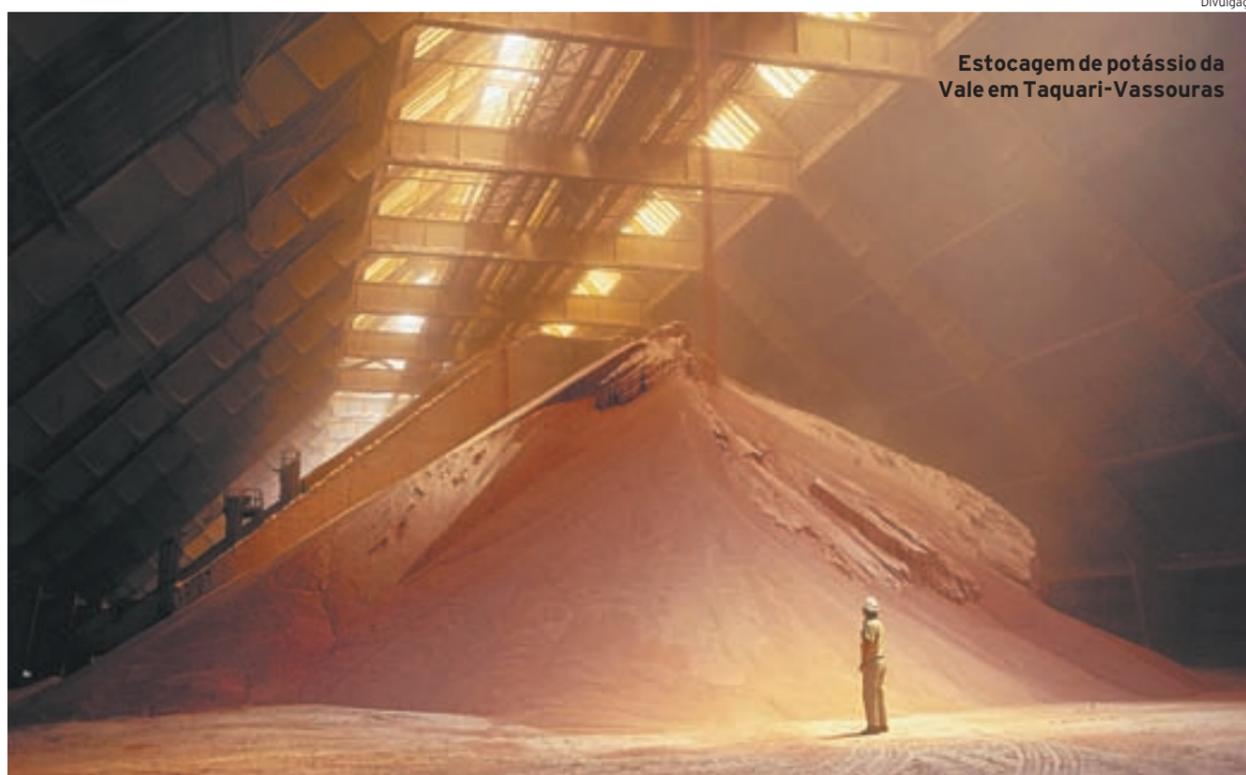


ambiente

os maiores problemas

lho, por exemplo, é necessária a absorção de 136 quilos de nitrogênio, 28 quilos de fosfato e 39 quilos de potássio.

As demandas da indústria de fertilizantes representam mais do que um posicionamento setorial. Elas estão relacionadas também com as chances de o Brasil se consolidar entre as maiores economias do mundo, com a contribuição da produção rural. O setor investe forte para fugir da dependência de importações, e as atuais conversações com o governo sobre flexibilização de royalties pode ser o começo de uma nova etapa rumo à sustentabilidade.



Estocagem de potássio da Vale em Taquari-Vassouras

Divulgação

A GE desenvolve tecnologias que possibilitam a reutilização da água.

GE. Se dá para imaginar, dá para fazer.

Imagine um mundo onde não falte água limpa.

País tem aumento de safras em pauta

Uso sustentável de fertilizantes pode incrementar produção de alimentos

A relação entre as projeções sobre demanda de alimentos, feitas pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e a produção de fertilizantes esteve presente nos debates entre representantes do setor e técnicos do Ministério das Minas e Energia, nas últimas semanas. As discussões em torno do novo marco regulatório para a indústria de mineração esbarram na falta de regulamentação da exploração mineral em terras indígenas, definida na Constituição de 1988 e ainda sem norma legal.

Os investimentos do setor refletem expectativas otimistas quanto à aprovação do conceito de royalties flutuantes, proposta já encaminhada à presidente Dilma Rousseff. No entanto, segundo o presidente do Instituto Brasileiro da Mineração (Ibram), Paulo Camillo Penna, é preciso impor alguma racionalidade aos debates, tanto no que se refere ao aumento da oferta de energia nas regiões de exploração mineral quanto na questão das terras indígenas. “A falta de regulamentação impede a entrada das grandes empresas, que se comprometem com projetos sustentáveis, e a exploração clandestina contamina o ambiente e leva doenças às populações indígenas”, afirma.

Segundo as previsões da FAO, o mundo vai precisar aumentar em 50% a produção de alimentos até 2050. O Brasil deverá suprir pelo menos 40% desse incremento. “Não adianta romantizar”, alerta o consultor José Carlos Pedreira de Freitas, da Hecta. “Não podemos abrir mão de aumentar a oferta de fertilizantes e se temos boa parte das reservas mundiais em áreas sob tutela do governo, é preciso encontrar uma forma sustentável de colocar esses recursos à disposição da produção de alimentos”, acrescenta.

ALIMENTOS
FAO prevê
necessidade de
aumentar a produção
até 2050 em

50%

Brasil vai participar
desse incremento
com parcela de

40%

AGRONEGÓCIO

Embrapa prioriza expansão da agropecuária com preservação

País busca ampliar a safra de alimentos recuperando áreas degradadas e expandindo a produtividade de regiões já altamente produtivas

TEXTOS IOLANDA NASCIMENTO

Expandir a produção agropecuária brasileira, preservando as áreas hoje cobertas por vegetação natural e, em consequência, resguardando a maior biodiversidade do planeta — em grande parte ainda desconhecida pela humanidade — tem sido um desafio e a grande prioridade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), afirma Maurício Lopes, seu diretor-executivo de pesquisa e desenvolvimento. Não são poucas as pesquisas, técnicas e tecnologias da Embrapa direcionadas para esse objetivo, assegura. No total, atualmente, a instituição financia com recursos próprios mais de 700 pesquisas e realiza outras mais de 400 em parceria com diversas entidades.

Muito desse esforço é para buscar alternativas que viabilizem a expansão do agronegócio, mas com sustentabilidade, observa Lopes. O Brasil, hoje um dos protagonistas no cenário mundial quando a questão é o fornecimento de alimentos, caminha para ampliar ainda mais a produção apenas recuperando áreas que atualmente estão degradadas e expandindo a produtividade em regiões que já são consideradas altamente produtivas.

Os grandes aliados desse processo, diz o executivo, têm sido as tecnologias cada vez mais avançadas, como a genômica e a biotecnologia, e também as aplicações de técnicas já bastante desenvolvidas no mapa agropecuário doméstico. “As tecnologias estão cada vez mais sofisticadas, permitindo, por exemplo, alterações genéticas mais precisas e com o mínimo de intervenção.”

Lopes lembra que poucas décadas atrás, entre os anos 1960 e 1970, o país importava boa parte dos alimentos que consumia. Cenário que foi ultrapassado após investir no desenvolvimento de tecnologias e técnicas para adaptar culturas às condições



Soja cultivada no país não requer nitrogênio e é exemplo de adaptação, diz Maurício Lopes, diretor de desenvolvimento da Embrapa

■ Recursos próprios
Número de pesquisas
financiadas pela
Embrapa

700

desafiadoras de clima e solo típicas de um país tropical. Como resultado, o país passou a ser autossuficiente e polo exportador de alimentos.

“A agropecuária brasileira foi uma das que mais evoluíram nas últimas décadas. Agora, o desafio é conciliar mais expansão com sustentabilidade e também com as condições de estresse climático previstas com o avanço do aquecimento global.”

Investindo em pesquisas

A Embrapa tem concentrado parte de seus investimentos em pesquisas de culturas que possam ser, por exemplo, desenvolvidas com pouca água, que sejam mais resistentes a pragas e também em técnicas mais eficientes de manejo de terra. Solos tropicais, como o brasileiro, são normalmente ácidos e pobres em nutrientes fósseis, principalmente na região do cerrado, o que exige um trabalho intenso, e muitos recursos dispensados com adubos, para garantir uma terra mais fértil e com maior produtividade. De-

pendente de importação de insumos que compõem os fertilizantes, o país tem buscado alternativas para produção local e também para utilizá-los de forma mais eficiente, explica. Nesse sentido, são várias as frentes de pesquisas com fósforo, matéria-prima básica na fabricação de fertilizante fosfatado, que vão desde a busca de maneiras diferentes para extrair o fósforo existente nas poucas reservas brasileiras até a criação de espécies de plantas que são mais eficientes na sua captura e utilização.

Um dos grandes sucessos na modificação de espécies é a soja. Toda a soja cultivada no Brasil não requer nitrogênio — nutriente principal dos fertilizantes nitrogenados, que tem como matéria-prima básica a amônia, um derivado de petróleo — porque é inoculada com uma bactéria que tem o poder de fixar melhor na planta o nitrogênio capturado no ar, observa Lopes. “Esse desenvolvimento levou a uma economia grande de recursos financeiros e também de recursos naturais”, diz Lopes, lembrando que

Igo Estrela